**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 10 – Exilados na Multidão**

**01:00:17:22**

**ABERTURA**

**01:00:22:14**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:12**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:22:05**

**Rosiska Darcy de Oliveira – Atual ocupante da cadeira 10**

Custou-se muito, a verdade é essa, pra descobrir no Brasil que o mundo era feito de homens e mulheres. Custou-se muito para descobrir que as mulheres não eram contrario dos homens, que as mulheres eram as mulheres, não eram nem o contrário, nem o avesso.

**01:01:46:01**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 10: Exilados na multidão**

**01:01:51:29**

**Rosiska Darcy de Oliveira – Atual ocupante da cadeira 10**

Eu fui obrigada ao exilio, e eu pedi asilo que é uma coisa diferente. Eu fui acusada pela ditadura militar de ter denunciado, ter difundido noticias falsas sobre tortura. Varias pessoas foram torturadas pra dizer que eu estava difundindo essas noticias, e as noticias, evidentemente, como todo mundo sabe hoje não eram falsas, eram mais que verdadeiras e eu fui acusada, então, eu juntamente com meu marido, e com um grupo de intelectuais que incluía o Mário Pedrosa, por exemplo, e outros tantos. Nós fomos acusados de ter difundido essas noticias, meu marido foi expulso do Itamaraty, onde ele era diplomata, foi preso, e eu que estava em Genebra pedi asilo. Fiquei lá exilada durante mais de quinze anos, e eu creio que eu só posso me orgulhar de ter denunciado isso e de ter me oposto a ditadura, ter lutado contra a ditadura. Isso pra mim fez parte da minha vida, e uma parte da qual eu me orgulho também muito. O exilio evidentemente é uma situação muito precária, é um momento em que sua vida, o seu futuro vai certamente se prender ao passado, mas para evitar que esse futuro fique na dependência do passado eu preciso viver um presente intensamente e foi a escolha que eu fiz. Eu estava na Suíça, meu exilio começou em 60, por tanto dois anos depois de maio de 68, quando uma juventude descobria que o mundo podia ser reinventado, quer dizer, a divisa da época era reinventar a vida, mudar o mundo. E eu muito jovem, quase uma menina, eu entrei nesse movimento de reinvenção da vida, aprendi imensamente, vivia em um país que era o contrário do Brasil, o que é ótimo. Eu digo sempre que o exilio é o melhor espelho que se possa ter, porque é ai onde você realmente se vê forçosamente como você é, você desnaturaliza a sua própria imagem, quer dizer, não toma mais por único, e por normal aqui que é a sua cultura, e mais que isso, eu encontrei o movimento de mulheres que nascia naquele momento na Europa, o movimento feminista. Eu ajudei a fundar o movimento feminista na Suíça com um grupo de suíças e o efeito disso na minha vida pessoal foi imenso porque eu não tinha passaporte, eu era uma pessoa que usava um passaporte, um título de viagem concedido pela confederação helvética, e ao entrar nesse movimento foi como se tivesse acontecido comigo a chegada ao que a Viriginia Woolf chamava o país das mulheres, ai eu tinha passaporte, por direito de nascimento como mulher que eu era e ai eu fiz grandes amizades, ai eu encontrei uma causa que fazia muito sentido pra minha vida e para o meu próprio crescimento pessoal.

**01:06:12:22**

**OFF**

“O tempo, esse bem tão raro que o homem mais rico da terra não pode comprá-lo, além de um certo limite. Porque o tempo, a morte não vende. Sempre me fascinaram as reações dos que correram perigo de vida e renascem dispostos a mudar seus destinos radicalmente. O tempo é então sua primeira conquista. De certa maneira, estamos todos correndo perigo de vida, de perder a vida, submissos às injunções de uma sociedade que desordenou-se, invertendo o sentido original do trabalho. Antes ganhávamos a vida no trabalho. Hoje é o trabalho que ganha a nossa vida. Para corrigir essa absurda distorção proponho uma reengenharia do tempo.”

*Reengenharia do Tempo*

*Rosiska Darcy de Oliveira*

**01:07:18:28**

**Rosiska Darcy de Oliveira – Atual ocupante da cadeira 10**

Nós vivemos um tempo em que a angustia do tempo é permanente para todos. Eu não conheço ninguém que não viva preocupado com a vida que não cabe nas 24 horas do dia, que não se pergunte se não está vendendo barato a matéria prima da sua própria vida que é o tempo. Ora, o nosso tempo, a nossa vida é curta. Ora, o tempo não se pode nem comprar a morte não vende, vender o seu tempo a vil preço como nós vendemos, eu não entendo, nunca entendi porque as pessoas faziam isso. O porquê que continuam fazendo. Escrevi, então, um livro chamando atenção pra esse absurdo, sobretudo quando isso já se tornou desnecessário. Nós poderíamos viver de uma maneira muito diferente, poderíamos fazer uma reengenharia do tempo, mas o que me interessava nesse tema, digamos assim, não era só especificamente a questão de uma reorganização da vida, mas era em nome do que se faria essa reorganização da vida, ou seja, qual é o sentido que cada um atribui a sua vida. Na verdade a reengenharia do tempo é uma discussão sobre o sentido da vida.

**01:08:50:23**

**OFF**

O exilio, no caso da atual ocupante da cadeira dez, foi fato. Já para seu antecessor, Lêdo Ivo, é caso metafórico. O poeta se definiu, certa feita, como um “exilado da multidão”.

**01:09:09:23**

**Lourival Holanda – Membro da Academia Pernambucana de Letras.**

Eu tenho a impressão que a poesia dele é uma poesia testemunhal de um tempo, certo? Quer dizer, ele está como alguém entre o mundo simbolista e esse mundo que é da realidade imediata. Então, a poesia dele tem muito disso, mas ainda é uma poesia confessional, há uma subjetividade que quase prevalece sobre a exigência da forma, prevalece o sentimento ainda, porque é uma poesia que passa do simples ao sublime, que isso é próprio de Manuel Bandeira, é próprio da geração dele querer dizer a coisa mais intensa do modo mais palmar, mais simples do mundo. Então, tem muito disso também no esforço do Lêdo Ivo. É tão importante a prosa dele, como a poesia também. A poesia dele tá numa dificuldade muito grande porque ele tem um legado simbolista, grande eloquente, aquela coisa. Ele vai receber muitas premiações por conta de prêmios assim, “Olavo Bilac” e tudo mais, é de onde ele vem. E ao mesmo tempo, ele já quebra um pouco, ele tem um artigo formidável sobre a geração 45 que é onde ele melhor se define, porque é o começo de uma mudança, então, ele está nesse lusco-fusco, entre aqueles valores antigos e essa poesia nova. E a prosa dele então, é bastante rica nesse sentido.

Lêdo Ivo

Posse em 1987

**01:10:40:03**

**OFF**

“A língua de que me utilizo não é e nunca foi a minha pátria. Nenhuma língua enganosa é a pátria. Ela serve apenas para que eu celebre a minha grande e pobre pátria muda, minha pátria disentérica e desdentada, sem gramática e sem dicionário, minha pátria sem língua e sem palavras.”

*Minha Pátria*

*Lêdo Ivo*

**01:11:12:11**

**VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

**01:11:30:04**

**VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

**01:11:42:12**

**Rosiska Darcy de Oliveira – Atual ocupante da cadeira 10**

A cadeira dez é de certa maneira foi a cadeira dos exilados, porque ela foi fundada por Rui Barbosa que conheceu o exilio e abrigou pessoas de todos os estados, diferentes estados do Brasil e acaba nesse momento em mim que fui também exilada. Por isso nós temos dito que é a cadeia dos exilados. Rui Barbosa da evidentemente uma nobreza muito especial a essa cadeira, na medida em que ele foi o expoente na cultura jurídica brasileira, foi aquilo que hoje nós chamaríamos um intelectual público. Rui Barbosa foi um intelectual publico por excelência, um homem que acreditou fundamentalmente no Brasil como nação e se esforçou ao longo da vida para dar a essa nação, para vertebrar essa nação, pra fazer dessa nação uma nação com instituições fortes, democráticas. Enfim, foi um grande construtor da nação brasileira, eu fico muito honrada de estar na cadeira que foi fundada por ele.

Rui Barbosa

Fundador da Cadeira 10

**01:13:23:26**

**Isabel Lustosa – Doutora em Ciências Políticas**

### Rui Barbosa foi para o exilio durante a ditadura do Floriano Peixoto, né. Rui Barbosa era um liberal, um pensador que defendia o federalismo, antes da republica mesmo, ele era mais federalista do que republicano, ele achava que o Brasil tinha que decentralizar. O Rui Barbosa foi ativíssimo na imprensa, na campanha pela republica, como na proclamação da republica ele está lá, ele está no primeiro ministério da republica, ministro da fazenda. Ele faz uma politica econômica desastrosa por conta dessa dificuldade do intelectual entre a teoria e a prática, o liberalismo dele se mostrou bastante problemático em economia, mas Rui Barbosa foi o homem do direito, da legalidade, é um grande jurista. Um homem que discute a legalidade das coisas mínimas até na construção do texto jurídico. Então, um sistema como do Floriano Peixoto, um vice-presidente que assume pela renuncia do presidente, do Deodoro, e a partir dai adota um sistema extremamente repressivo, a reação de Rui Barbosa, enfim, de outros não monarquistas, que não eram monarquistas eram republicanos, mas enfim, de outras pessoas que se contrapuseram aqueles abusos, a violência do Floriano lá no Paraná. Enfim, essas pessoas passaram a ser perseguidas. Rui Barbosa teve que fugir, principalmente, creio eu, depois da revolta da armada em 1893, vai pra Inglaterra e lá ele produz uma obra importante né, que foram a sua série de artigos sobre o caso [Dreyfus](http://www.conjur.com.br/2015-set-06/embargos-culturais-rui-barbosa-licao-tira-dreyfus), na França, que é também uma antuação no sentido do pensamento jurídico, direitos e etc. Então, foi importante por uma inserção internacional, ele era um homem completamente brasileiro, um baiano, enfim, um homem que construíra sua trajetória aqui, e certamente esse mergulho numa sociedade importante como a inglesa foi bom pra sua carreira posterior.

Floriano Peixoto

Ex-presidente do Brasil

Rui Barbosa

Fundador da Cadeira 10

**01:15:31:29**

**OFF**

“Já se vê quanto vai do saber aparente ao saber real. O saber de aparência crê e ostenta saber tudo. O saber de realidade, quanto mais real, mais desconfia, assim do que vai apreendendo, como do que elabora.”

*Oração aos Moços*

*Rui Barbosa*

**01:15:55:29**

**Isabel Lustosa – Doutora em Ciências Políticas**

O Rui Barbosa foi um homem, foi um liberal, um liberal no sentido de defender que a sociedade, por exemplo, eleições que realmente fossem eleições. Ele vai ser um critico daquele sistema, da eleição do bico de pena em que na verdade aquela mesma elite paulistana misturada com alguma coisa de Minas e do Rio se reproduzia com eleições que eram na verdade forjadas. Então, o Rui Barbosa foi um defensor de que houvesse espaço para que emergisse uma população capaz de participar do processo politico. Ele vai fazer a campanha civilista em 1910 para quebrar essa farsa que era um liberalismo que não era liberal, que na verdade era uma oligarquia que controlava o processo politico. Então, o legado dele foi a defesa das leis, enfim, a defesa de um Brasil onde o liberalismo se implantasse como uma pratica verdadeira. Ele é um verdadeiro liberal no sentido da defesa dos direitos, o habeas corpus, enfim, todas as coisas que deixam os homens iguais perante a lei. Então, um liberal como não existe mais hoje.

**01:17:18:12**

**OFF**

De Rui Barbosa à Rosiska Darcy de Oliveira, a cadeira dez segue ressignificando heranças de exílios. Se não faltam as iniquidades, também não falta a resistência.

**01:17:36:08**

**Rosiska Darcy de Oliveira – Atual ocupante da cadeira 10**

A questão feminina se instalou na minha vida desde que eu nasci eu nasci mulher, e esse fato foi sendo perseguido a vida inteira. Foi perseguido quando eu era pequena, quando eu era menina, nas coisas que eu podia fazer, nas coisas que eu não podia, por exemplo, eu lutei e lutei muito pelo direito que só os meninos tinham de entrar no galinheiro, e eu queria entrar no galinheiro porque lá é que se encontravam os ovinhos no meio das palhas. Enfim, mas como o galinheiro era um lugar sujo as meninas não tinham acesso, e eu lutei muito pelo direito de entrar no galinheiro, e consegui, e tive por isso mesmo a alegria de varias vezes encontrar um ovinho no meio dos poleiros, das palhas, do que havia lá. Então, essa questão feminina apareceu desde sempre e houve talvez um momento em que foi mais forte e talvez mais decisivo, foi logo depois que eu entrei pra faculdade de direito. Um dia um professor nos pediu um trabalho sobre direito natural, direito positivo e eu que gostava muito de teatro que era muito encantada pelo teatro grego já naquela ocasião, escrevi um trabalho sobre Antígona e esse professor chegou na sala de aula, leu em voz alta o meu trabalho disse que tinha dado dez, e pediu que turma adivinhasse quem tinha escrito e evidentemente foram dito o nome de todos os rapazes e de nenhuma moça e ele então, o professor, jogou a prova assim em cima dos meninos que estavam ne frente e disse: “Quem escreveu isso aqui foi aquela menina ali, vocês não têm vergonha seus barbados.”. Quando ele disse isso, eu me levantei e sai da sala, sai da sala, ele não entendeu, veio atrás de mim e me perguntou: “Mas por quê? Eu te dei dez, eu fiz um elogio ao seu trabalho.”, eu disse: “O senhor me fez um insulto, eu gostaria de saber por que que eles devem ter vergonha quando eu tiro 10, o que isso tem de vergonhoso para um homem, que a mulher tire um dez? Porque? Porque nós somos inferiores? Porque nós não somos capazes de escrever um trabalho de alto nível?”, e eu vi no rosto dele nesse momento que ele tinha entendido, que ele tinha entendido a gafe que ele tinha cometido comigo, e ele me pediu desculpas, me pediu que eu voltasse pra sala, e eu voltei, e depois ficamos muito amigos. Mas, tinha nascido uma feminista. A questão da entrada das mulheres na Academia é das mais interessantes, das mais acidentadas. Evidentemente isso é uma questão que durou que discutiu-se durante oitenta anos, e nesses anos todos foram idas e vindas, muitos debates, a justificativa que era certamente um pretexto, não era absolutamente, não era convincente, a justificativa é que o regimento falava em brasileiros, e que isso se dirigia, estava no masculino, se dirigia aos homens, certamente não era isso, se dirigia à brasileiros, são homens e mulheres, as mulheres também fazem parte dos brasileiros, mas isso foi assim uma espécie de desculpa que serviu para impedir a entrada das mulheres que era vista, isso sim, como incomoda por várias razões que aparecem ao longo dos discursos, ao longo dos debates, e alguns eram da banalidade do pombo da discórdia e outros não eram senão um reflexo atrasado é claro, de uma posição que tinha sido muito dominante na sociedade que era a invisibilidade justamente das mulheres.

Rosiska Darcy de Oliveira

Posse em 2013

**01:22:05:19**

**Michele Fanini - Socióloga**

Existe um documento do regimento interno da Academia, em que justamente no artigo que define os critérios de legibilidade e aparece nesse artigo quem é que pode se candidatar, brasileiros que tenham produzido obras de valor literário de mérito, enfim, eles deixam claro que ali é uma agremiação masculina. Eles saem um pouco pela tangente e vão dizer que a Academia estava sendo concebida à imagem e semelhança da Academia Francesa e por um acaso, a Academia Francesa não contempla em seus quadros a presença feminina.

**01:22:53:10**

**Hélène Carrère d´Encausse – Membro da Academia Francesa de Letras**

A Academia Francesa foi questionada várias vezes com o passar do tempo quanto a porque não eleger mulheres que tinha tais qualidades. No século XIX e principalmente no século XX, essa questão foi imposta de modo incisivo através dos meios de comunicação que questionavam isso publicamente. George Sang e Collette são mulheres que encontraram seu lugar na Academia. Mas elas nem pensavam, elas sabiam que tinham tanta influência que nem havia necessidade de serem membros da Academia. Mais tarde, Jean d´Ormesson, membro da Academia do Brasil, que fez uma verdadeira campanha por Marguerite Yourcenar. Dois membros da Academia do Brasil se encontravam em duas posições diferentes: Jean d´Ormesson, apoiando Marguerite Yourcenar e Claude Lévi-Strauss se opondo. Ele dizia: “Isso é ridículo”. Para ele não importava a mulher. Ele dizia: “Não podemos mudar as regras da tribo”. Não podemos avaliar o lugar da mulher na Academia Francesa, apenas pela quantidade, já que acompanharam toda a historia da Academia. Elas influenciam a vida intelectual francesa de modo constante.

**01:24:11:27**

**Rosiska Darcy de Oliveira – Atual ocupante da cadeira 10**

Eu sou uma otimista sobre o destino da sociedade brasileira nesse ponto. Então, eu acho que progressivamente a sociedade brasileira vai perceber que a humanidade, o Brasil, os brasileiros são homens e mulheres.

**01:24:43:18 - VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 10

Patrono – Evaristo da Veiga

Fundador – Rui Barbosa

 Laudelino Freire

 Osvaldo Orico

 Orígenes Lessa

 Lêdo Ivo

Atual – Rosiska Darcy de Oliveira